



Liturgia II - Ano Litúrgico

Michele Toso Cappellini

- *Ementa da disciplina: O sentido do Ano Litúrgico. O ano litúrgico como celebração memorial e cíclica do mistério de Cristo. Estrutura do Ano Litúrgico. Reflexões sobre o Tempo. O domingo. Tempos litúrgicos. Cores litúrgicas. Os Santos no Calendário Litúrgico*

O sentido do Ano Litúrgico (AL)

O Conceito “Ano Litúrgico” surgiu pela primeira vez em 1589, época da Reforma e a tradução literal da expressão usada, atualmente, em alemão, seria “Ano da Igreja” (*Kirchenjahr*), no entanto, a Igreja Católica tradicional usava o termo Ano Litúrgico (*Liturgischen Jahr*), que foi assumido nas línguas latinas.

O Ano Litúrgico ou Calendário Litúrgico é uma maneira organizada de celebrar o Mistério Pascal de Cristo na liturgia. Trata-se de uma sistematização pedagógica da vida de Jesus e, por isso, foi considerado por Paulo VI em sua carta apostólica *Mysterri Paschalis*, como um instrumento de formação para a fé.

O objetivo do AL é a participação mais ardente e consciente dos fiéis em todo mistério de Cristo no decorrer de um ano. Assim, vamos sendo tocados por esse mistério, dia a dia, ano a ano, quando fazemos a memória litúrgica, abrindo-nos para que a graça do Espírito Santo nos edifique e transforme. Essa contribuição valiosa que o AL tem, permite-nos também conceituá-lo enquanto itinerário catequético-mistagógico, capaz de nos inserir nos mistérios e conteúdos da fé, pertencentes a uma comunidade eclesial e em processo de formação para o seguimento de Jesus Cristo. (CARVALHO; NETO, 2021).

Diante desta reflexão, percebemos que o AL não contempla, entretanto, um simples calendário com caráter estático ou ainda uma sucessão de solenidades. Trata-se da celebração do mistério de Cristo temporalizado nos mistérios rememorados pela igreja em cada tempo. Como um espiral, cresce e conduz a comunidade cristã a aprofundar, a cada ano litúrgico, a experiência da páscoa em dois momentos, ritmos diferentes: uma anual (festa da Páscoa) e outro semanal (Domingo, dia do Ressuscitado). Neste sentido o Concílio Vaticano II discorreu:

A liturgia distribui toso mistério de Cristo pelo correr do ano, da encarnação e nascimento à ascensão, ao Pentecostes, à expectativa da feliz esperança e da vinda do Senhor.

Sua história reforça o sentido do AL: não é um fato meramente organizativo do tempo, em vista da distribuição funcional das festas cristãs, no decurso do ano. Com isso, queremos dizer que, o ano litúrgico não surgiu obedecendo a um plano concebido



de modo orgânico e sistemático, mas é fruto principalmente de uma reflexão teológica sobre o tempo.

Resgatando o significado da Palavra Liturgia, que é ação da Igreja pela qual celebra o mistério da Salvação, neste sentido, o AL é continuação do tempo bíblico, no qual sucederam os eventos da salvação. Sendo assim, as celebrações do ano litúrgico tornam eficaz no presente, a realidade salvífica de tais eventos.

Por fim, encontramos no Catecismo da Igreja Católica: “O ciclo do Ano Litúrgico e suas grandes festas são ritmos fundamentais da vida de oração dos cristãos”. Desta forma, o AL provoca um ritmo para uma vida plena de sentido e podemos vivê-lo com um sagrado exercício da vida.

Concluimos este primeiro item, refletindo sobre três sentidos possíveis de se compreender o AL (GRÜN; REEPEN,2013):

Sentido Pedagógico: ao celebrara, ao longo do ano, os acontecimentos mais importantes da vida de Jesus, nós, os cristãos, somos chamados a estar cada vez mais unidos a Jesus e seguir seu exemplo;

Sentido Dogmático: de decurso de um ano são ministrados os ensinamentos mais importantes da Igreja;

Sentido Psicológico: o mistério celebrado, reflete o encontro de cada um consigo mesmo. Assim, a vida de Jesus não é apenas um referencial histórico, mas uma maneira de nos encontrar com Deus e com nós mesmos.

Reflexões sobre o Tempo

Chamamos de tempo cósmico, aquela dimensão do universo com o qual se mede o perdurar das coisas mutáveis, ou também a sucessão rítmica das fases em que se processa o devir da natureza. É o tempo dos calendários, divididos em meses, semanas e dias. É um tempo neutro, é algo objetivo, independente do homem. Os ritmos do tempo cósmico são percebidos pelo homem primitivo, antes que ele o transforme em objeto de uma verdadeira reflexão filosófica, como o receptáculo das vicissitudes da sua vida pessoal, familiar e social e, desta forma, surge o tempo histórico.

A própria razão da religião é uma tomada de consciência diante do tempo histórico. Todas as antigas religiões conferem ao tempo cósmico um caráter sagrado: os dias, os meses e as estações assumem um valor religioso, pois são sinais nos quais se revela e mostra a divindade. Essa sacralização mística faz com que se estabeleça o calendário das festas, que seguem precisamente o ritmo das estações e dos meses

Os estudiosos sublinham que essa consciência cíclica do tempo é característica particular das civilizações orientais e grega. É uma história sem esperança porque,



sendo uma realidade cíclica fechada no ciclo eterno dos astros, recomeça sempre, sem jamais cumprir-se definitivamente.

Na visão da Bíblia no Antigo Testamento sobre o tempo se sobrepõem dois aspectos: um, regulado pelos ciclos da natureza (tempo cósmico) e outro que se desenrola no fluxo dos acontecimentos (tempo histórico). Já o Novo Testamento, ressalta o fato de que a história não está submetida à lei do retorno cíclico do tempo cósmico, mas é orientada fundamentalmente pelo desígnio de Deus, que nela se realiza e se manifesta. Uma linha contínua, cíclica e contextual traça o caminho da humanidade, desde o primeiro momento criativo de Deus, até a plena e definitiva realização da redenção, no final dos tempos (Ef 1, 3-14).

O ponto central referente ao tempo e à festa no Novo Testamento vem a ser a dinâmica que se encontra no evento Cristo, entre o já realizado e o ainda não completamente cumprido. O sacrifício de Cristo é oferecido uma só vez, isto é, todo de uma vez e uma vez por todas, distinguindo-se de tal forma dos sacrifícios da antiga aliança, repetido indefinidamente.

Portanto, o AL não deve ser confundido como fatalístico retorno das estações; é um tempo que se repete, como uma espiral progressiva, e vai em direção à parusia. O AL é uma estrutura ritual, na qual a totalidade da história da salvação, se atualiza no tempo determinado de uma concreta assembleia eclesial e no espaço de um ano.

Os mesmos conteúdos são retomados em etapas diferentes do caminho da fé, permitindo que nos aprimoremos no processo de identificação com Cristo. A repetição das celebrações, ano após ano, oferece à Igreja a oportunidade de um contínuo e ininterrupto contato com os mistérios do Senhor: assim também nós devemos fazer de novo num plano mais elevado a mesma caminhada, enquanto não se atingir o ponto final, que é o próprio Cristo, nossa meta. O mistério de Cristo torna-se a vida da Igreja, e a Igreja por sua vez, prolonga e completa o mistério de Cristo.

A maioria das festas do AL celebram acontecimentos históricos, em outras palavras, atos de Deus realizados, historicamente, por seu Filho Jesus. No entanto, na Antiguidade, também se celebrava os acontecimentos naturais ligados à sementeira e à colheita. Observar os elementos naturais nos ajuda na tomada de consciência no processo de morte e transformação da natureza. Realizar, por isso, a associação entre AL com o ritmo da natureza é pertinente: ao celebramos o ressurgimento do Cristo vivo, contemplamos a natureza que está ressurgindo do seu vigor. Cabe a reflexão sobre o apelo do Papa Francisco ao cuidado da Casa Comum, considerando que a natureza é cada vez mais violada e explorada. Assim, o convívio com o ritmo da natureza, como o AL nos sugere, pode nos fortalecer na corresponsabilização para com ela.



Ano Civil e Ano Litúrgico

Enquanto civilmente se comemoram fatos passados que aconteceram uma vez e não acontecerão mais (muito embora esses fatos influenciem a nossa vida até os dias de hoje), no Ano Litúrgico, além da comemoração, fazemos memória, atualizamos o mistério de Cristo.

Sacrosanctum Concilium

Uma grande contribuição do Concílio Vaticano II na constituição *Sacrosanctum Concilium* foi a reorganização do ano litúrgico. Essa reforma colocou o mistério pascal de Cristo no centro do calendário e da vida cristã.

Este documento, apresentado durante o Concílio Vaticano II (1962-1965), traz em seu capítulo 4, considerações sobre o Ano litúrgico, destacando entre elas:

- Revelação de todo o mistério de Cristo no decorrer do ano;
- Veneração, com especial amor, a bem-aventurada, virgem Maria, mãe de Deus (“porque é unida indissolivelmente à obra de salvação de seu filho”);
- Inclusão no ciclo anual a memória dos mártires e outros santos - no *dia natalis* (dia da morte) proclamamos o mistério pascal realizado neles que sofreram com Cristo e com Ele são glorificados;
- Revalorização do domingo – “devem os fiéis reunir-se em assembleias para ouvirem a palavra de Deus e participarem da eucaristia”, recordando, assim a paixão, morte, ressurreição e glória de Jesus Cristo.

No missal Romano, pode-se encontrar as normas universais do ano litúrgico e o novo calendário romano geral aprovados pelo Papa Paulo VI, pela carta apostólica “DADA MOTU PROPRIO” (“de própria iniciativa”).

Estrutura do Ano Litúrgico

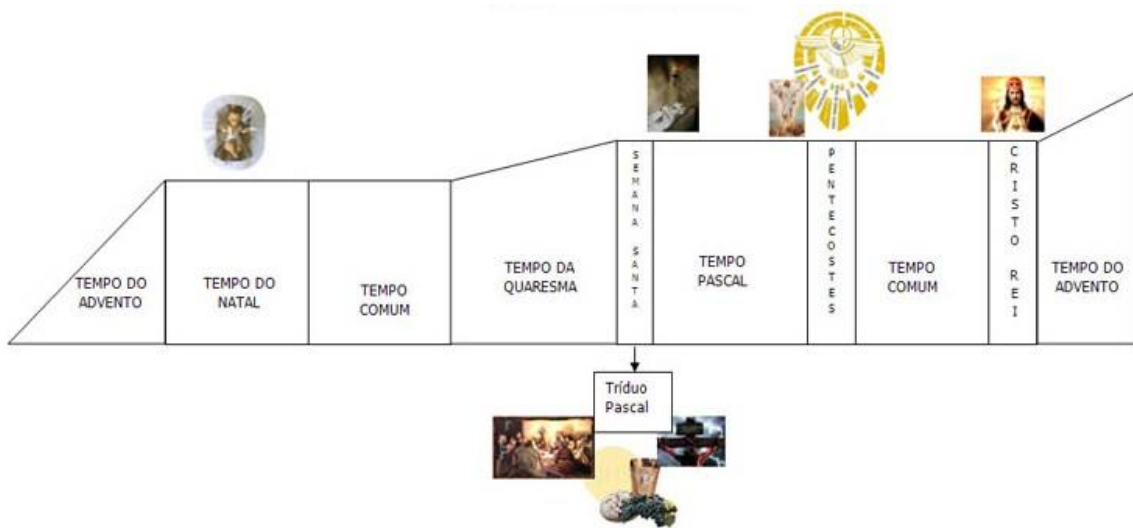
Inicia no 1º domingo do Advento (cerca de quatro semanas antes do Natal) e termina na festa de Cristo Rei. O calendário litúrgico é composto por dias santificados pelas celebrações litúrgicas do povo de Deus, especialmente pelo Sacrifício Eucarístico e pela Liturgia das Horas. Dentre os dias litúrgicos da semana, no primeiro dia, o Domingo, é o principal dia de festa, pois a igreja celebra o Mistério Pascal de Jesus.

A Igreja estabeleceu, para o Rito Romano, uma sequência de leituras bíblicas que se repetem a cada três anos, nos domingos e solenidades. As leituras desses dias são divididas em ano A, B e C, lendo respectivamente o Evangelho de Matheus, Marcos e Lucas. Já o Evangelho de João é reservado para ocasiões especiais, principalmente

grandes festas e solenidades. Nos dias da semana do Tempo Comum, há leituras diferentes para os anos pares e ímpares, exceto o Evangelho que se mantém.

Tempos litúrgicos

“Nos vários tempos do ano litúrgico, a Igreja a perfeioa a formação do fiéis por meio de piedosos exercícios espirituais e corporais, pela instrução e oração e pelas obras de penitência e misericórdia” (Missal Romano, p.101).





Tempo do Advento

Período: inicia 4 domingos antes do Natal e encerra nas vésperas do dia do Natal do Senhor.

Significado: a esperança da Salvação

Cores: roxa e rosa

Símbolos: velas

O Tempo do Advento possui dupla característica: sendo um tempo de preparação para as solenidades do Natal, em que comemoramos a primeira vinda do Filho de Deus entre os homens, é também um tempo em que, por meio desta lembrança, se voltam os corações para a expectativa da segunda vinda de Cristo no fim dos tempos. Por esse duplo motivo, o tempo do Advento se apresenta como um tempo de piedosa expectativa da vinda do Messias, além de se apresentar como um tempo de purificação de vida.

Tempo do Natal

Período: inicia no dia do Natal do Senhor e vai até o domingo do Batismo de Jesus

Significado: o nascimento de Jesus, nosso Salvador

Cores: branco (pode ser trocada pelo Dourado)

Símbolos: manjedoura, pastores, estrela

Após a celebração anual da Páscoa, a comemoração mais venerável para a Igreja é o Natal do Senhor e suas primeiras manifestações, pois o Natal é um tempo de fé, alegria e acolhimento do Filho de Deus que se fez Homem. No ciclo do Natal são celebradas as festas da Sagrada Família; Maria, mãe de Jesus; Epifania do Senhor e do Batismo de Jesus.

Tempo Comum

1º período: após o Batismo de Jesus até terça-feira antes da Quaresma

2º período: segunda-feira depois do domingo de Pentecostes até às vésperas do 1º domingo do Advento.

Significado: tempo de amadurecimento de fé e reflexão

Cor: verde



Símbolo: árvore

Além dos tempos que têm características próprias, restam no ciclo anual trinta e três ou trinta e quatro semanas nas quais são celebrados, na sua globalidade os Mistérios de Cristo. Comemora-se o próprio Mistério de Cristo em sua plenitude, principalmente aos domingos. É um período sem grandes acontecimentos, mas que nos mostra que Deus se faz presente nas coisas mais simples. É um tempo de esperança e acolhimento da Palavra de Deus. Este tempo é chamado de Tempo Comum, mas não tem nada de vazio. É o tempo da Igreja continuar a obra de Cristo nas lutas e no trabalho pelo Reino.

O Tempo Comum é ainda tempo privilegiado para celebrar as memórias da Virgem Maria e dos Santos.

Tempo da Quaresma

Período: vai de quarta-feira de Cinzas e até a missa da Ceia do Senhor exclusive

Significado: tempo de orações conversão

Cor: roxa e rosa

Símbolo: peixe, pão, cruz

O Tempo da Quaresma é um tempo forte de conversão e penitência, jejum, caridade e oração. É um tempo de preparação para a Páscoa do Senhor, e dura quarenta dias. Neste período não se diz o Aleluia, evita-se flores na Igreja, as imagens podem ficar veladas com tecidos roxos, com exceção da cruz, que só é velada na Semana Santa, não devem ser usados muitos instrumentos e não se canta o Glória a Deus nas alturas, para que as manifestações de alegria sejam expressadas de forma mais intensa no tempo que se segue, a Páscoa.

Tríduo Pascal

O tríduo pascal da Paixão e Ressurreição do Senhor começa com a Missa da Ceia do Senhor, possui seu centro na Vigília Pascal e encerra-se no domingo da ressurreição. A Vigília pascal, noite santa em que o Senhor ressuscitou é considerada a “mãe de todas as santas vigílias”.

Tempo Pascal

Período: domingo da ressurreição até o domingo de Pentecostes

Significado: Vida nova em Cristo Ressuscitado

Cor: branca (pede ser trocada pelo dourado)



Símbolo: coordeiro, cruz vazia, girassol

A Festa da Páscoa ou da Ressurreição do Senhor, se estende por 50 dias entre o domingo de Páscoa e o domingo de Pentecostes, comemorando a volta de Cristo ao Pai na Ascensão, e o envio do Espírito Santo. Estas sete semanas devem ser celebradas com alegria e exultação, como se fosse um só dia de festa ou, melhor ainda, como se fossem um grande Domingo, vivendo uma espiritualidade de alegria no Cristo Ressuscitado e crendo firmemente na vida eterna.

Cores litúrgicas

A liturgia é cheia de simbolismos. Durante o ano litúrgico, um desses símbolos, são as cores litúrgicas: o branco, o vermelho, o verde, o roxo, e o róseo. Por seu caráter, cada uma expressa um sentido, uma mensagem.

O branco – que tem um caráter de pureza, purificação, alegria, glória. Só pode ser usado nas seguintes situações: nas festas do Natal e Páscoa; nas celebrações dedicada a Nossa Senhora; na solenidade de todos os santos (01/11); na festa da conversão de São Paulo (25/01); na festa do nascimento de São João Batista (24/06); na festa de São João evangelista (27/12).

O vermelho – por seu caráter simboliza a vida, o amor, o martírio, o testemunho e só pode ser usado nas seguintes situações: no domingo de Ramos; na sexta-feira da Paixão; no domingo de Pentecostes; na celebração do sacramento da crisma (Espírito Santo); nas missas de mártires; no coração de Jesus.

O verde – por seu caráter de esperança, tranquilidade, é usado durante toda a celebração do período do tempo comum, indicando que a Igreja na esperança aguarda o seu Senhor.

O roxo – é uma cor de penitência. É usada durante todo período da quaresma, do advento e nas celebrações dos defuntos. Ao mesmo tempo que expressa reserva, também nos alerta para a conversão imediata perante o Senhor.

O róseo – é uma cor mais leve, ao contrário do roxo, e expressa um sentimento de leveza mesclada com uma esperança iminente. É usada em dois momentos: no terceiro domingo do Advento (*Gaudete* – jubilai-vos, alegria) onde se expressa um sentimento de alegria pela proximidade da chegada do Senhor que vem ao nosso encontro; e no quarto domingo da quaresma (*Laetare* – alegra-te, alegria) que nos convida a uma alegria comedida perante o tempo especial que se aproxima da Páscoa do Senhor.

Há ainda outras cores festivas que os padres usam como expressão alegre e cultural do nosso povo, como por exemplo, as casulas de múltiplas cores. Cada qual capta o sentido que está por trás dos eventos celebrados. Por fim, vale mencionar o uso litúrgico da cor azul para festas e solenidades da Santíssima Virgem Maria. Esta cor não



é uma das cores previstas pela IGMR (Instrução Geral do Missal Romano), mas seu uso é largamente difundido no Brasil e outros lugares.

Referências:

Catecismo da Igreja Católica- Edições Loyola

Missal Romano, 2ª edição, 1991, Editora Paulus

Documento *Sacrosanctum Concilium* – sobre a Sagrada Liturgia

GRÜN, Anselm; REEPEN, Michael. **O ano litúrgico como ritmo para uma vida plena de sentido**. Petrópolis, RJ: Editoras Vozes, 2013.

FERREIRA, Eurivaldo Silva. **O ano litúrgico como itinerário teológico e pedagógico da fé**. Dissertação de mestrado em Teologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

CARVALHO, Humberto Robson de; NETO, João dos Santos Barbosa. **Catequese, liturgia e mistagogia**. São Paulo: Paulus, 2021.

O Ano Litúrgico: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ano_litúrgico

A história do Ano Litúrgico: <https://afeexplicada.wordpress.com/2016/06/08/a-historia-do-ano-liturgico/>

Cores litúrgicas: <http://bibliaecatequese.com/a-liturgia-e-o-ano-liturgico/>